

ÁGORA, Porto Alegre, Ano 4, Dez.2013.

ISSN 2175-37

O TRABALHO DA MONITORA, NA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL, COM ALUNO COM PARALISIA CEREBRAL

Sílvia Lima Jacques¹

RESUMO

O presente relato tem como objetivo apresentar a experiência em monitoria realizada em escola municipal de ensino fundamental no município de Porto Alegre. O trabalho é uma inovação devido às necessidades de acompanhamento de aluno com deficiência, especificamente, com paralisia cerebral. As políticas de inclusão garantem que esse público tenha direito a frequentar a escola regular. Para tanto, devido às várias limitações e especificidades que a paralisia acarreta na pessoa, fez-se necessário ter uma monitora na escola para dar conta das demandas desse aluno. São apresentadas neste relato, as formas como a monitora lida com o atendimento das necessidades de locomoção, higiene, alimentação e aprendizagem do aluno, bem como acontece o processo de inclusão do aluno num envolvimento de todos na escola: alunos, professores, direção, coordenação pedagógica, sala de integração e recursos e funcionários.

Palavras-chave: acessibilidade, monitor e paralisia cerebral

INTRODUÇÃO

O trabalho do monitor, na área educacional, era desenvolvido até bem pouco tempo nas escolas de Educação Infantil no município de Porto Alegre e os concursos públicos, consequentemente, aconteciam para atender as demandas das referidas escolas. Porém com a inclusão de alunos com deficiência nas escolas de Ensino Fundamental surgem a necessidade de acompanhamento do aluno X, que tem paralisia cerebral, o que lhe

¹ Monitora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Deputado Marcirio Goulart Loureiro, formada no curso de Magistério pela Escola São José de Vacaria e em Serviço Social pela ULBRA.

acarreta várias dificuldades, dentre elas, a de locomoção, de fala, de higienização e de alimentação. Neste relato, a monitora, autora deste trabalho, descreve o processo de conhecimento do trabalho e como passou a desenvolvê-lo com o apoio e acompanhamento da professora da Sala de Integração e Recursos-SIR da escola em que foi alocada.

DESENVOLVIMENTO

1. O MONITOR DE ESCOLA

Em primeiro de abril de 2008, na Câmara Municipal de Porto Alegre, educadores discutiram os requisitos para o cargo de monitor [2]. A exigência mínima foi que o candidato possuísse, além do Ensino Fundamental, o curso de atendente de creche/recreacionista ou equivalente, com o mínimo de 100 horas, realizado por instituição legalmente constituída.

Segundo Catarina Lavelberg [1], que é assessora psicoeducacional, o monitor é aquele que possui as seguintes atribuições:

-Acompanhar o processo de adaptação dos alunos novos na escola e dos que estão nas séries iniciais de um segmento, sobretudo no início das aulas;

-Analisar o grupo em diferentes contextos: como ele se organiza, os espaços que ocupa, as brincadeiras e os jogos que privilegia no dia a dia;

-Observar os valores que circulam longe do olhar dos professores;

-Investigar as relações de poder existentes entre os alunos, reconhecendo as lideranças e os que se submetem a elas.

1.1. O MONITOR NA ESCOLA MUNICIPAL EM PORTO ALEGRE

Em março de 2012, aconteceu a convocação da classificação N°288 para assumir o cargo de monitor do concurso de 2008 da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. O concurso foi realizado para suprir as necessidades de vagas na Educação Infantil, ou seja, para trabalhar nas EMEIs do município.

Após realizar exames e providenciar a documentação necessária, a nova monitora, autora deste relato, tomou posse na Prefeitura e se dirigiu até a Secretaria Municipal de Educação para tomar conhecimento das vagas e ter a definição da escola em que

trabalharia e, assim, entrar em exercício na Educação Infantil. Para surpresa, foi apresentada a necessidade de alocação de monitores em escolas do Ensino Fundamental para trabalhar com alunos de inclusão, especificamente alunos com deficiência. O quê? Que susto! Sem conhecimento nem experiência, a resposta foi de aceitação ao desafio. Havia uma vaga na Escola Marcirio Goulart Loureiro, muito próxima da residência da monitora e o turno do aluno seria o ideal para conciliar vida particular com trabalho. Nesse momento, houve a recordação do período do curso de magistério, no interior do estado, tempo em que uma parenta estava estagiando na APAE da cidade, a qual relatava que acontecia esporadicamente algum caso de agressão física. A monitora temeu e ficou apreensiva, mas procurou não demonstrar.

1.1.1 O ALUNO COM PARALISIA CEREBRAL

Ao chegar à escola e conhecer a professora da SIR, deu-se início ao processo de conhecimento do trabalho que haveria de desempenhar. A coordenação pedagógica passou todas as informações que possuía acerca do aluno que chegaria à escola em poucos dias e que, neste relato, é chamado pelo nome X para preservar sua imagem. A partir daí, houve a busca da apropriação de conhecimentos que pudessem dar suporte para um bom trabalho com o novo aluno que é deficiente, tem paralisia cerebral, não caminha, não fala, usa fraldas e se alimenta por sonda gastrostômica. A paralisia cerebral é também conhecida como encefalopatia crônica não progressiva, refere-se a várias condições de saúde não completamente curáveis que atingem uma ou mais regiões cerebrais e, por extensão, os movimentos corporais e o complexo muscular, desencadeadas pela carência de oxigênio nas células do cérebro, provocadas ao logo da gravidez, durante os trabalhos de parto ou logo após a sua conclusão [4].

Segundo Paula Nadal [3], em seu artigo na Revista Nova Escola, ter uma lesão cerebral não significa, necessariamente, ser acometido de danos intelectuais.

Em meados de maio de 2012, recebemos na escola o aluno X e, para surpresa, um menino bastante expressivo, sorridente, meigo, com um olhar profundo e especial e que ensinaria a todos muitas lições de vida. Iniciou então uma relação de afetividade, construção de vínculos e esforço para uma boa comunicação, começando pelo “eu

pergunta e tu me respondes com sim ou não, movimentando a cabeça”.

Passamos então a realizar esforços para que acontecesse a inclusão do aluno, com qualidade e efetividade.

1.1.2 A ACESSIBILIDADE

O aluno faz uso da TA - tecnologia assistiva para ter a acessibilidade às atividades escolares e se comunica através das pranchas de comunicação. Para tanto, era necessário ter conhecimento e habilidades da área da informática bem como conhecimento do software de acessibilidade.

A tecnologia assistiva, segundo Bersch (2006, p.2) [5], deve ser entendida como um auxílio que promoverá a ampliação de uma habilidade funcional deficitária ou possibilitará a realização da função desejada e que se encontra impedida por circunstância de deficiência.

O uso das TAs traz grandes avanços na comunicação e interação do aluno com seus colegas, professores, enfim com os diferentes espaços por ele frequentados. Dependendo do tipo de TA, poderá entrar em contato com o mundo virtual, acessando e-mails, redes sociais, enfim o universo da web.

O aluno possui e-mail, facebook, acessa jogos na Internet e consegue jogar videogame muito bem. Faz uso do trackball, um tipo de mouse adaptado em que o aluno movimenta com a parte de cima de sua mão, pois é a parte do seu corpo onde possui movimento controlado.

O uso do computador em sala de aula comum chama a atenção dos demais alunos, assim como a própria presença do aluno com paralisia cerebral, pois acentua a aparência do aluno tão comprometida.

Para melhorar a mobilidade do aluno com paralisia cerebral, o espaço escolar deve possibilitar a acessibilidade, proporcionando condições de alcance com segurança

e autonomia aos espaços mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, transportes, sistemas e meio de comunicação.

A referida escola possui uma boa acessibilidade, tornando viável o transitar do aluno com deficiência. Possui elevador, rampas de acesso nos diversos espaços, barras nos banheiros e bancada para troca de fraldas.

1.1.3 A TROCA DE FRALDAS

No curso de Educador Assistente, realizado em 2008 para a função de monitor, aprendeu-se a trocar fraldas de bebês e não de um adolescente que pesava aproximadamente 36 kg. Soube-se que deveria auxiliar na alimentação de crianças com até 6 anos e se apresenta um aluno que não se alimenta, via oral, pois faz uso de sonda gastrostômica, não caminha, anda em cadeira de rodas e não fala. Fez-se necessário, além do aprendizado recebido no curso, obter os conhecimentos e habilidades da área da enfermagem. O momento da troca de fraldas deve ser uma prática sem constrangimento nem de intimidação. Primeiramente acontece uma conversa com o aluno, explicando-lhe a ação que será feita e que tudo sairá bem, pois tenho um menino em casa e troco a fralda dele várias vezes durante o dia, que é o meu filho e que aquela atitude é importante para a sua higiene e bem estar. Cantarolando, tudo fica tranquilo.

1.1.4 A CONDUÇÃO DA CADEIRA DE RODAS

A cadeira constitui-se em uma parte fundamental na qualidade de vida do deficiente físico, pois é nela que ele passa diversas horas do seu dia, propiciando condições para o exercício de todas as suas atividades, sejam de trabalho, estudo ou lazer. Em síntese, é o direito de cidadania. [6]

A condução da cadeira deve ser feita com muito cuidado, pois ali está um ser humano, uma pessoa com direitos garantidos por lei, uma vida. Não é um carrinho de supermercado que carrega compras. Ao parar para conversar com alguém, se deve sempre virar a cadeira de frente para que o cadeirante participe do assunto. Também é incômodo ficar olhando para cima por muito tempo. Se a conversa for demorar, é

melhor se sentar para que os olhos fiquem no mesmo nível. E como a cadeira é a extensão do corpo da pessoa, constantemente faz-se necessário alertar os alunos para que não se apoiem ou se escorem na cadeira.

1.1.5 A SALA DE AULA

Ao entrar na sala de aula, pode-se perceber nos olhares muita estranheza, desconfiança, dúvidas, curiosidade. Professores receosos, esperando da monitora respostas para suas indagações. Não sabiam eles que ela esperava muito mais respostas deles, pois também tinha muitas dúvidas. No decorrer dos dias, alguns colegas foram timidamente se aproximando, dando início, assim, à construção dos primeiros vínculos. Outros alunos se mostraram muito contrariados, passando ao largo. Foi marcante a fala de um menino que disse que gostaria também de estar em uma cadeira de rodas, pois assim teria uma atenção exclusiva. Procurei-o no refeitório e busquei um diálogo sem sucesso, pois o mesmo passou a fugir e evitar o contato comigo. Na busca por entender o que acontecia com o referido aluno, descobri que os pais haviam se separado e o mesmo ficara com a mãe e naturalmente passava por um período complexo. Sempre que me deparava com situações semelhantes, informava as professoras da turma numa intenção de que acontecesse uma intervenção positiva.

1.1.6 O PROCESSO DE APRENDIZAGEM ATRAVÉS DO SOFTWARE DE ACESSIBILIDADE

Na convivência diária com o aluno X, fui tomando conhecimento das demandas que faziam parte da vida dele na escola. Copiava e copia muito pouco devido à rigidez de seus membros superiores, causando-lhe cansaço físico, pois para realizar os movimentos emprega muita energia. É necessário, portanto, dosar suas atividades e entender o seu momento de fadiga. Junto com as professoras, fomos percebendo que não havia uma resposta imediata na realização das atividades. Passei a improvisar recortes e colagens de frases, palavras e números; fiz uso da baixa tecnologia e, apesar disso, pude perceber uma boa resposta do aluno. Muito interessante notar o gosto do menino pela pintura e seu interesse por pincéis, canetões que devem ser maiores e engrossados com espuma. Sua mão se abre quando lhes são oferecidos. Numa ocasião,

desenhou meus cabelos da monitora que estavam soltos, a professora, a terapeuta ocupacional da instituição onde mora e se desenhou num risco que envolvia os demais. Maio é o mês das mães e é natural que pensemos que quem não conviva com a mãe sofra por isto, mas X pintou vários cartões como todos os demais e saiu distribuindo para as professoras e inclusive para a monitora. Como foi gratificante!

A professora da SIR realizou o curso de aprendizado do software Boardmaker, que é o programa utilizado pelo aluno. Através do software é que os conteúdos e atividades se tornam acessíveis para o trabalho em sala de aula. Com o compartilhar do conhecimento e após realizar também o curso, as coisas foram clareando e passamos a confeccionar as pranchas das mesmas atividades trabalhadas pelos demais alunos em aula. A partir daí se pode compreender o processo de aprendizagem do aluno, perceber seus avanços diários e também suas dificuldades que se encontram na área da Matemática.

Em 2012, nos períodos de Matemática, o aluno se prostrava muito e passava mal, tendo até mesmo que ir para casa. Em um trabalho conjunto da escola com a instituição, que deu o suporte de profissionais da psicologia e pedagogia, foram alcançados alguns avanços como se permitir estudar Matemática, aceitar que conte seus dedos e depois até oferecê-los. Já que o aluno torce fanaticamente pelo Internacional, empenhei-me em confeccionar pequenas camisetas de papel para trabalhar com ele. As histórias matemáticas foram construídas envolvendo os campeonatos de futebol para aguçar o seu interesse, num esforço de tornar concreto seu processo de aprendizagem.

Quando X encontra dificuldades em alguma área, se prostra, produz muito mais sialorreia, secreção abundante da saliva, e se nega a realizar as atividades. É muito importante que a monitora compreenda esse momento e busque dialogar com a professora presente na sala, no sentido de buscar alternativas para aliviar suas tensões.

1.1.7 O RECREIO

Durante o recreio, é necessário encontrar o melhor lugar para que haja interação com os colegas e não aconteçam atropelos, pois é o momento em que os alunos gastam

suas energias correndo, pulando, saltando, gritando. O aluno X adora o momento e expressa através de sorrisos e retribui quando algum colega se aproxima e cumprimenta-o. Também é necessário cuidar o local de acordo com a estação, se tem muito sol, vento, frio, calor, chuva, no sentido de melhor acomodá-lo.

2. A EXPERIÊNCIA DA MONITORA EM 2013

No ano de 2013, a turma passou a ter uma professora referência e isso possibilitou crescimento e avanços no aprendizado de toda a turma e especialmente do nosso aluno de inclusão. Os colegas tiveram a iniciativa de também conduzir a cadeira de rodas pelos espaços da escola e especialmente no elevador, fazendo inclusive uma escala para todos os dias da semana. Constantemente os alunos solicitam a contribuição da monitora e ajuda nas suas atividades escolares e a mesma limita-se a contribuir com aquilo que lhe é permitido pelo professor em sala de aula, respeitando sempre com ética o docente.

Foi organizada entre a monitora e a turma uma festa surpresa de aniversário para a professora referência. Todos contribuíram guardando segredo, trazendo doces, salgados e refrigerantes. Foram momentos de alegria e curtição em que os vínculos foram fortalecidos com a presença dos demais professores da turma e da coordenação pedagógica.

A SIR e a instituição organizaram uma festa de aniversário de 15 anos do aluno. O deslocamento foi de ônibus até a instituição, mais precisamente no salão de festas da igreja, local próximo à casa em que reside o aluno X. Os professores e alunos contribuíram para compra dos cachorros-quentes e presentes. O casal responsável pelo transporte também cooperou doando o bolo para a festa, que aconteceu ao som de muita música e alegria. Alguns funcionários da escola também se fizeram presentes, pois têm um vínculo afetivo muito importante com o aluno. Essa experiência teve caráter relevante, pois contribuiu para elevação da autoestima não somente de X, mas dos demais amigos institucionalizados que estavam presentes na festa, fortalecendo os vínculos entre casa e escola.

Aconteceu um passeio aos territórios negros de Porto Alegre foi um dia de muita satisfação e conhecimento. X também passou a participar de atividades de Educação Física, em que o professor proporciona momentos de interação entre todos os alunos. No Projeto Educação para o Trânsito, realizado somente com essa turma, foram proporcionadas oportunidades de conhecimento e sensibilização acerca da acessibilidade e preferência para as pessoas com deficiência. Devido à intervenção da professora, a turma tem se mostrado mais consciente acerca da diversidade e da prioridade dos cadeirantes. Foi uma intervenção muito positiva, que entendo deveria ser realizada com toda a escola, pois é um problema enfrentado a cada dia, alunos que não percebem as diferenças que estão entre nós.

No referido ano, o trabalho tem sido mais efetivo, pois a comunicação foi afinada entre todos os envolvidos nas demandas do aluno e percebe-se maior interesse do mesmo pela escola e compreensão dos motivos pelos quais ele está inserido nesse espaço.

CONCLUSÃO

O presente relato procurou apresentar experiências que possibilitem conhecer o trabalho da monitora de um aluno com deficiência na escola de Ensino Fundamental. Para atender as suas demandas, faz-se necessário saber qual é o papel de cada um no espaço escolar. Aqui foi destacada a relevância do trabalho da monitora, valorizando e tratando o aluno como um sujeito de direitos e que merece dignidade e respeito, reconhecendo seu potencial e contribuindo para que sua inclusão escolar aconteça com qualidade e excelência e que o mesmo continue crescendo e em processo de construção do conhecimento. Para isso é importante que, no mínimo, as necessidades básicas do indivíduo sejam entendidas e atendidas. Continua o esforço para que a comunicação aconteça através das pranchas de comunicação. É necessário respeitar as dificuldades do aluno e explorar seus potenciais, dando-lhe autonomia para demonstrá-los. Reunindo esforços dos profissionais envolvidos na vida do aluno, isso é possível.

REFERÊNCIAS

NADAL, Paula: **O que é paralisia cerebral.**

Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/inclusao/educacao-especial/paralisia-cerebral-deficiencia-intelectual-624814.shtml>

SANTANA, Ana Lúcia: **Paralisia Cerebral.**

Disponível em: <http://www.infoescola.com/neurologia/paralisia-cerebral/>

BERSCH, Rita: **Introdução à tecnologia assistiva.**

Disponível em: www.assistiva.com.br/Introducao_Tecnologia_Assistiva.pdf

Dicas de Convivência para um bom relacionamento com a pessoa com deficiência física.

Disponível em <http://saci.org.br/?modulo=akemi¶metro=1674>